
Comunicação e Jornalismo *slow* no Brasil: gênese e balanço de experiências nacionais¹

Michelle Prazeres²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo organizar e apresentar atributos e características práticas do jornalismo *slow* com base no mapeamento de experiências brasileiras. O Jornalismo *slow* não é um novo formato jornalístico, uma nova linguagem ou um mecanismo estratégico de produção e engajamento, mas uma perspectiva que envolve necessariamente (1) o contexto célere da comunicação; e (2) modalidades práticas de jornalismo alicerçadas no contraponto a este contexto. O nome ‘jornalismo *slow*’ não traduz a intenção de cunhar um conceito, mas pretende demarcar, formatar e configurar procedimentos que apoiam a crítica da comunicação *fast* e do jornalismo como prática rápida em contexto de aceleração social do tempo.

Palavras-chave: Jornalismo; Slow; Velocidade; Cibercultura; Aceleração.

Aceleração, desaceleração e comunicação

Desacelerar não é necessariamente ir devagar, mas sim questionar-se quando a velocidade faz sentido. Em geral, quando ela não faz, corre-se, porque a pressa seria o “natural”, o “normal” ou o desejável. Este pensamento serve para a vida (especialmente a vida urbana, nas grandes cidades), mas também para o jornalismo, cuja busca se alicerçou historicamente - entre outros aspectos - na corrida pelo “furo”.

A cibercultura - leia-se: os aparatos e ambientes digitais, os conteúdos, o *modus operandi*, os modos de percepção, as estruturas institucionais e o ambiente simbólico relacionados às tecnologias digitais - reconfigura os processos jornalísticos, mexendo nas suas estruturas e incidindo na produção, na distribuição e na recepção de seus produtos; bem como na periodicidade dos ciclos e nas dinâmicas mercadológicas da indústria da informação.

A velocidade - instalada no coração da cibercultura - se projeta como imperativo social que extrapola as redes tecnológicas, se engendra na *psique* e nos corpos dos

¹ Trabalho apresentado para o GP Teorias da Comunicação do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero (SP) e pós-doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. E-mail: michelleprazer@gmail.com

indivíduos, incide na convivência, acelera as práticas cotidianas e tensiona diversos campos da vida instituindo a pressa como norma.

No jornalismo em ambientes digitais, tais efeitos também se impõem; e talvez de maneira ainda mais determinante do que para o jornalismo feito em outros suportes. A aceleração social do tempo (ROSA, 2010) se configura como uma condição contemporânea e reforça a velocidade como qualidade de uma informação que deveria: (1) ser produzida em tempo rápido; (2) chegar antes e se deslocar de forma ágil; e (3) ser consumida instantaneamente, pois buscaria interagentes supostamente desejosos por *brevidades*.

Quando este cenário se manifesta na forma de uma orquestração articulada e coerente, a velocidade se institui como regra geral de uma sociedade com pressa e também como qualidade de relações entre campos, agentes e instituições que valorizam o ágil como algo positivo. Desta forma, fica difícil pensar que é possível fissurar esta lógica e escapar de ciclos jornalísticos de produção, distribuição e recepção de informação acelerados.

No entanto, ao se inspirar na Cultura *slow* para olhar para as práticas jornalísticas na cibercultura, é possível ventilar algumas questões que dizem respeito às relações entre o jornalismo e a velocidade e especialmente à produção, à distribuição e ao consumo de notícias em ambientes digitais. Barranquero-Carretero (2013) afirma que “é conveniente pensar em comunicação lenta a partir das diferentes dimensões ou partes do fenômeno de comunicação, como a transmissão, a mensagem, o canal, o código ou os contextos”. Dehollain (2018) aponta que “o jornalismo lento como abordagem vai além do estilo e do formato. Neste caso, refere-se aos princípios e métodos”.

Para Barranquero-Carretero e Rosique-Cedillo (2018),

“diante do imediatismo, o jornalismo *slow* seria aquele que evita a competição por novidade rigorosa ou instantaneidade e leva tempo para desvendar e expor o contexto, as causas e conseqüências finais de um fenômeno. Essas formas jornalísticas colocam em questão, então, todas aquelas expressões, gêneros e formatos jornalísticos que, de alguma forma, estão fadados à extrema brevidade e fragmentação e que, conseqüentemente, levam à simplificação da informação, sua descontextualização e fragmentação”. (BARRANQUERO-CARRETERO E ROSIQUE-CEDILLO, 2018)

O jornalismo *slow* não se trata da negação da necessária velocidade do jornalismo “*breaking news*” ou da agilidade na apuração de fatos quando ela se constitui como

prerrogativa do jornalismo que cumpre o seu papel social enquanto esfera produtora e mediadora de informações de interesse público. Trata-se de uma atitude cognitiva que busca olhar para a produção simbólica jornalística na perspectiva da aceleração / desaceleração e, assim, problematizar o contexto da produção de notícias em ambientes digitais e a naturalização da velocidade como caminho único e desejável para *todas* as práticas contemporâneas de produção jornalística.

O jornalismo *slow*, portanto, é uma ideia que busca mobilizar noções e conceitos para apoiar uma reflexão crítica sobre o **jornalismo célere**, que tem na velocidade sua principal engrenagem; nas **brevidades** (notícias curtas, sem aprofundamento ou “caça-cliques”) sua manifestação central; no **excesso informativo** seu entorno; e na **desinformação** uma de suas consequências - notadamente, por exemplo, quando se trata da velocidade que produz e facilita a disseminação das *fakenews*.

Este percurso se inspira no que sugere Virilio (1996): a composição de uma dromologia - uma espécie de ciência da velocidade e da aceleração - relacionada às práticas jornalísticas em ambientes digitais; e se apoia na reflexão sobre a cibercultura em Trivinho (2010), que promove a compreensão do entorno tecnológico e da orquestração simbólica relacionada à velocidade como valor positivo na contemporaneidade, marcada pelo regime da *dromocracia*.

O diálogo com Rosa (2010) auxilia ao tecer a conexão da celeridade jornalística com a aceleração social do tempo enquanto condição atual da humanidade. Wolton (2011) ampara a apreensão do contexto de excesso de expressividade e informação, mas não de comunicação enquanto prática de diálogo, vínculo e afeto. Tal concepção de comunicação enquanto convivência e relação é reforçada pelo entendimento de Romano (1998; 2018), Baitello Junior (2014), Contrera (2010) e Menezes (2016) que defendem uma Ecologia da Comunicação sustentada em uma nova relação com o corpo e o tempo.

Ancorada nessa costura teórica, a ideia de jornalismo *slow* se ergue na interação entre tais leituras sobre a comunicação e as premissas da Cultura *slow* (Honoré, 2005), que tem seu nascedouro no surgimento do movimento *Slow Food* e se estende para outros campos da vida social, a partir das noções de “bom, limpo e justo” e do “pequeno, devagar e local”.

Dehollain (2018) afirma que, de acordo com Benaissa (2017), a primeira vez que se empregou o termo “*Slow Journalism*” foi em 2007, quando a articulista Susan Greenberg escreveu um artigo para a revista *Prospect*. A autora pontua que “depois de

uma década, segue sem definir-se concretamente” o que é o jornalismo lento. Le Mansurier (2014), Barranquero-Carretero (2015), Rosique-Cedillo (2018), Benaissa (2017) e Dehollain (2018) são alguns dos autores que se debruçaram sobre a ideia.

Ainda que as pesquisas sobre o tema tenham avançado relativamente em âmbito internacional, no Brasil as discussões sobre o jornalismo lento são incipientes e carecem de aplicação para refletir sobre a prática em veículos nacionais.

O debate demanda, portanto, um olhar mais macrossocial para estas práticas, que agregue a crítica da velocidade e a perspectiva sociodromológica sugerida por Virilio (1996) e Trivinho (2010) para analisar expoentes e ao mesmo tempo, para nutrir de estofos teórico o ecossistema que se forma a partir da emergência de um jornalismo mais lento como resposta ao jornalismo ultra veloz e à desinformação.

O argumento central do percurso aqui registrado dá conta de que a velocidade, além de ser uma engrenagem estrutural da cibercultura que se manifesta na relação com as tecnologias, é também violência simbólica e social na contemporaneidade, marcada pela aceleração social do tempo.

O jornalismo, enquanto prática social que se relaciona com as tecnologias enquanto ferramentas, ambientes e repertórios é indexado por esta velocidade que reconfigura sua produção, distribuição, recepção, bem como seus ciclos e suas estruturas mercadológicas.

Enquanto a velocidade é naturalizada como característica inescapável e valorizada como qualidade desejável, outro modo de olhar e fazer jornalismo desponta, fruto da crítica da aceleração e da reflexão sobre possibilidades de construir brechas comunicativas baseadas na interface com a Cultura *slow*. O jornalismo *slow* se constitui como um esquema que proporciona um olhar para as práticas de jornalismo na perspectiva da aceleração / desaceleração, buscando identificar atitudes de comunicação como acontecimento e experiência, sustentados nas noções de diálogo, vínculo e ponte.

Jornalismo *slow*

Entende-se que o jornalismo *slow* não é lento em absoluto. Ele é lento “em relação a” algo. E ser lento, portanto, não diz respeito necessariamente - nem somente - ao tempo que passa, mas ao tempo ganho, liberado para existir em função da qualidade. Uma

primeira questão se apresenta: que fatores (de processo) contribuem para a liberação de tempo e que, portanto, permitem que o jornalismo seja lento?

Ao propor esta noção como forma de olhar para as práticas jornalísticas, a intenção é promover uma reflexão a partir de um conjunto de referências relacionadas à cibercultura e à aceleração social do tempo. Este olhar se debruça sobre a produção simbólica, seus sistemas e estruturas de produção e formas de recepção, para encontrar tais fatores e associá-los a possíveis características do jornalismo lento.

Do ponto de vista da inspiração conceitual, a noção parte da leitura de um contexto de celeridade para pensar no que seria uma produção, uma estrutura e uma recepção *mais* lentas. Nesse sentido, o quadro apresentado na Tabela 1 a partir de uma articulação de leituras se mostra um avanço.

Acredita-se que ao conseguir elencar exemplos específicos e ilustrativos do que se chama de jornalismo lento, esta pesquisa pode mostrar um conjunto de relações que contribuem para a crítica à prática sistêmica do jornalismo em seu estado atual: majoritariamente ultrarrápido e ultracurto.

Ressalta-se que não se trata de lançar um efeito nostálgico sobre o jornalismo ou de defender um resgate, mas sim de mirá-lo pelas lentes da crítica da velocidade, reconhecendo que o jornalismo lento coexiste e convive na sociedade com os demais *jornalisms*.

Até o momento, esta pesquisa aponta que o jornalismo *slow* pode estar associado a um modo de perceber ou praticar o jornalismo relacionado a aspectos como consistência, precisão, profundidade e reflexividade. Ao que tudo indica, parece ser possível afirmar que não é um modo de produção devagar que “garante” a produção de um jornalismo lento. Este também se associa a formas de consumo (ou recepção) sensoriais, “limpas”, conscientes, profundas, com um *design* e um dinamismo específicos e que preveem possibilidades de diálogo, interação e construção de vínculos com seus públicos.

A lentidão diz respeito a contextos e conexões específicas e que, conectados e entrelaçados, resultam em uma produção simbólica relacionada a um universo de referência possível de se chamar de lento (sempre em relação a algo). Ao buscar caracterizar este modo de fazer ou ver o jornalismo, este estudo busca também refletir sobre o seu sentido na contemporaneidade.

Sabe-se que no âmbito desta reflexão, estão em jogo (1) a objetividade do tempo de produção; (2) as temporalidades supostamente intrínsecas de suportes, formas de produção, produtores e consumidores; e (3) a questão da qualidade, que é de valor.

Cabe observar (em relação aos suportes condutores de produção simbólica) que – a princípio - o jornalismo lento pode se manifestar em qualquer um deles; inclusive aqueles identificados como produção ultrarrápida, como a internet, o rádio ou a televisão. Cada forma de produção e cada suporte de condução (ou circulação) pode ser caracterizada por tempos e regimes de validação próprios. Ao pensar sob o paradigma do jornalismo lento, busca-se compreender em que condições ele se constitui e como ele se manifesta.

A matéria é complexa, porque não é determinística. O jornalismo lento parece ser algo dinâmico, que envolve a complexidade das relações entre produtores, receptores, escalas de tempo, regimes de consumo, estruturas, contextos e condições de produção.

Tipificação do jornalismo *slow*

O levantamento que caracterizou o período inicial desta pesquisa teve como objetivo trilhar uma aproximação inicial com a noção de *slow media* e compreender a sua possível aplicação ao contexto jornalístico. Estabelecidas as pontes iniciais, o estudo apontou para a necessidade de avançar na tipificação do jornalismo *slow* a partir de um olhar para a prática da produção simbólica jornalística identificada com a ideia de jornalismo lento (articulando categorias conceituais aos sentidos práticos contidos nos processos e produtos de determinados veículos).

Como fruto do estudo, foi possível listar alguns **atributos e características práticas** do jornalismo *slow*. Eles estão organizados³ na Tabela 1. A coluna 1 apresenta as referências teóricas de Barranquero-Carretero (2015), Rosique-Cedillo (2018), Benaissa (2017) e Dehollain (2018). A coluna 2 elenca as características práticas presentes nos documentos de Le Masurier (2014); Silva (2014); e Köhler, David e Blumtritt (2010). Vale ressaltar que as práticas espelham os atributos, de modo que a tabela os organiza, associando-os nas linhas.

³ Na Tabela 1, A organização é da autora e contém interpretações, sínteses e associações.

Tabela 1: Atributos e características das experiências de Jornalismo *slow*

EXPERIÊNCIAS DE JORNALISMO <i>SLOW</i>	
ATRIBUTOS valorizados	CARACTERÍSTICAS (práticas)
Barranquero-Carretero (2015), Rosique-Cedillo (2018), Benaissa (2017) e Dehollain (2018)	Le Masurier (2014); Silva (2014); Honoré (2005) e Köhler, David e Blumtritt (2010)
Qualidade (x quantidade)	Privilegiam o contexto, a qualidade, a exatidão, a precisão e a investigação
Profundidade (x superficialidade)	Visam à perfeição e torna a qualidade palpável
Ética e responsabilidade (x desrespeito e falta de acurácia)	
Durabilidade ou atemporalidade (x efêmero)	São atemporais
Diversidade (x padronização)	Buscam histórias ou abordagens inéditas
Contextualização (x fragmentação)	Fazem jornalismo do presente
	Abrem mão do fetiche do furo
Comunitário (x universal)	Têm relevância para uma comunidade
	Têm foco no local
Proximidade e sentido	Apostam no poder da narrativa
	Usam o potencial das mídias sociais
	Ativam <i>prosumers</i>
	Enxergam a audiência como colaboradores
	Possuem <i>ethos</i> de comensalidade
Humano (x impessoal)	Contam histórias de interesse humano
Transparência	São transparentes
Precisão exatidão acurácia rigor	Dedicam tempo para encontrar informações
Credibilidade confiança respeito	São independentes e alternativos
	Apoiam-se na credibilidade
	Apostam na confiança
	São boas, limpas e justas
Sustentabilidade (práticas “limpas”) e Cidadania	Funcionam com colaboração
	Produzem inteligência coletiva
	Promovem jornalistas monotarefa
	Contribuem para a sustentabilidade
	São distribuídas por recomendações não-publicitárias
	Respeitam os usuários
Simplicidade	Atuam em pequena escala
	Estão conectadas com o devagar, o pequeno e o local
Criatividade	Emanam uma aura especial
Compreensão diálogo	São reflexivos
	São discursivos e dialógicos
	São progressistas e não reacionários

Tendo em vista o olhar para tais atributos e características, esta pesquisa se debruça em experiências práticas que respondam aos seguintes parâmetros:

- Veículos nativos digitais;
- Origem posterior a 2000;
- Abrangência nacional;
- Periodicidade não necessariamente diária;

- Possui produção de “formatos lentos” (reportagem, crônica, jornalismo explicado, etc).

De cada iniciativa, são analisados os seguintes aspectos:

- Data e Contexto de surgimento ou veiculação;
- Periodicidade (quando se aplica);
- Tema(s);
- Gênero(s);
- Extensão da(s) notícia(s);
- Uso de recursos gráficos e sensoriais;
- Formas de financiamento;
- Condições de trabalho dos jornalistas;
- Relação com audiência.

Partindo da compreensão sobre comunicação presente em Marcondes Filho (2013), a escolha destas experiências corresponde ao entendimento de que a lentidão pode ser apreendida do processo, de modo que a análise deve se debruçar sobre a experiência e não necessariamente sobre a produção jornalística em forma de produto final. As experiências mapeadas e investigadas nesta pesquisa estão listadas na Tabela 2, com uma breve descrição e uma lista de atributos que as conectam com o universo do *slow journalism*⁴.

Tabela 2: Experiências conectadas com a noção de jornalismo *slow*

Experiência	O que é	Atributos associados
Agência Pública ⁵	Agência de jornalismo investigativo, financiada por meios ditos “alternativos” (pois não recebe dinheiro de empresas do ramo da comunicação; e é financiada por sistemas de <i>crowdfunding</i> e agências internacionais). Realiza reportagens de profundidade majoritariamente relacionadas aos temas dos direitos humanos e veiculadas em plataformas digitais.	Qualidade (x quantidade) Profundidade (x superficialidade) Ética e responsabilidade (x desrespeito e falta de acurácia) Diversidade (x padronização) Contextualização (x fragmentação)

⁴ Os atributos foram identificados por análise das experiências no processo de mapeamento destas, na primeira fase desta pesquisa. A próxima etapa do estudo consiste em identificar as características práticas do Jornalismo *Slow* associadas às experiências em questão, por meio de entrevistas a editores e repórteres nelas envolvidos.

⁵ Disponível em: <https://apublica.org>

		Transparência Precisão exatidão acurácia rigor Credibilidade confiança respeito
"Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece" ⁶	Reportagem do jornalista Chico Felitti publicada no canal Buzz Feed.	Qualidade (x quantidade) Profundidade (x superficialidade) Durabilidade ou atemporalidade (x efêmero) Contextualização (x fragmentação) Comunitário (x universal) Proximidade e sentido Humano (x impessoal) Transparência Precisão exatidão acurácia rigor Credibilidade confiança respeito Simplicidade Criatividade Compreensão diálogo
NEXO Jornal ⁷	Jornal digital baseado em jornalismo de explicação e interpretação. Especializado em informações contextualizadas, dispõe de abordagens acadêmicas, gráficas, interativas e especiais, entre outras identificadas como jornalismo de profundidade. Tem como valores a clareza, a pluralidade e a independência.	Qualidade (x quantidade) Profundidade (x superficialidade) Durabilidade ou atemporalidade (x efêmero) Contextualização (x fragmentação) Precisão exatidão acurácia rigor Credibilidade confiança respeito Criatividade Compreensão diálogo

Algumas considerações

Esta pesquisa aponta para o jornalismo *slow* como um processo: um conjunto de procedimentos, atributos e valores relacionados a práticas, produtos e relações com a audiência, fundamentado pelo entendimento da comunicação como um acontecimento. Tendo em vista esta concepção, a análise das experiências consideradas lentas não teria sentido se focada na separação entre mensagem (e conteúdos) - canais - produtos (e formatos) ou na concepção de comunicação enquanto processo de transmissão de uma mensagem com fim em uma recepção, visto que a concepção de comunicação voltada

⁶ Disponível em: https://www.buzzfeed.com/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece?utm_term=.oaZkn8xW6#.nu7yM2m3j

⁷ Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br>

para uma recepção rápida e sem sentido (ou que entrega apenas números e cliques e que tem metas quantitativas de produção) é um dos motores do jornalismo *fast*, que alimenta a tríade infoxicação – desinformação – hiperinformação.

Cabe ressaltar que o jornalismo *slow* tem relevância histórica neste contexto marcado pela aceleração social do tempo e o objetivo da reflexão sobre este campo é produzir uma tensão relacionada à qualidade de produtos informativos digitais, ao resgatar discussões sobre contexto, análise e rigor no jornalismo (BENAÏSSA, 2017).

O lento, portanto, não está relacionado necessariamente com o tempo absoluto de duração (de produção e consumo) ou a extensão de um produto jornalístico. O lento é relativo e “tensiona a repensar os tempos de produção e consumo” do jornalismo (idem) e se manifesta, sobretudo, na ressonância dos atributos e características mapeados coma revisão bibliográfica e reconhecidos (ou refletidos) nas experiências analisadas.

Tal manifestação não se dá de forma “integral”, como se o frame que esta pesquisa busca construir fosse uma espécie de “*checklist*” para classificar estas experiências. O exercício é o oposto: buscar não classifica-las na sua integralidade, mas perceber, reconhecer e desvelar lentidão em algum(ns) aspecto(s).

Inspirados em Marcondes Filho (2011), ao compreender a comunicação como um momento e não como um procedimento, é possível afirmar que o *slow* seria uma “força” – um “dique simbólico de contenção da infoxicação”, para Benaissa (2017) -, que propõe que desloquemos o olhar para procedimentos, valores, atributos e olhemos para o processo da comunicação quando ela acontece.

O *slow* é um impulso que reclama o jornalismo enquanto comunicação, entendendo esta como acontecimento que se dá na relação, no *entre* e no durante e que, portanto, demanda um olhar para o tempo e o contexto em que se apresenta.

Nesse sentido, conclui-se que o *slow* se manifesta nas práticas listadas neste artigo por meio de atributos e características que fazem destas experiências práticas lentas em relação ao *fast*.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. De Alberto Acosta. Ed. Elefante. 2016

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014

_____; e NAVARRETE, Helena Maria Cecília. **Escola, tablets e vínculos sociais. Revista latinoamericana de ciencias de la comunicación.** v. 14, n. 26 (2017). Disponível em: <http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/921> Acesso: 18/10/2017

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro Barranquero. **Slow media. Comunicación, cambio social y sostenibilidad en la era del torrente mediático.** Palabra Clave, ISSN-e 0122-8285, Vol. 16, N°. 2, 2013. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5241897>>. Acesso em 11/12/2018

____ e ROSIQUE-CEDILLO, Gloria. **Comunicación y periodismo slow en España. Génesis y balance de las primeras experiencias.** Primer Congreso Internacional Infoxicación: mercado de la información y psique : Libro de Actas / coord. por Rosalba Mancinas-Chávez, Antonia Isabel Nogales Bocio. 32-47. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5300634> Acesso em: 14/12/2018

BENAISSA, Samia. **El Slow Journalism en la era de la “infoxicación”.** Doxa Comunicación: revista interdisciplinar de estudios de comunicación y ciencias sociales, 25, 129-148. 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6197715> Acesso em: 14/12/2018

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

DEHOLLAIN, Andrea Lucia Navarrete. **The multimedia storytelling in Slow Journalism: conceptualization and narrative description.** Universidad de Valladolid. 2018. Disponível em: http://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/33041/1/TFG_F_2018_116.pdf Acesso em 14/12/2018

FORD, Sam; GREEN, Joshua; JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão.** Editora Aleph, 2014.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **O decrescimento: entropia, ecologia, economia.** São Paulo: Senac, 2013.

HONORÉ, Carl. **Devagar.** São Paulo: Record, 2005.

KÖHLER, Benedikt; DAVID, Sabria; e BLUMTRITT, Jörg. **The Slow Media Manifesto.** 2010. Disponível em: <https://www.slow-media.net/manifest> Acesso: 06/10/2018

LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno / Serge Latouche; tradução Claudia Berliner.** - São Paulo: Editora WMF. Martins Fontes, 2009.

LE MANSURIER, Megan. **What is Slow Journalism.** Taylor & Francis Online. 2014. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17512786.2014.916471> Acesso em 14/06/2017

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** Porto Alegre, Editora Sulina, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Nova teoria da comunicação, v. 1: o rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico.** São Paulo: Paulus, 2013. Coleção comunicação.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Diversidad en convergencia.** Ministério da Cultura do Brasil. Seminário Internacional sobre diversidade Cultural. Brasília, 27 a 29 de junho de 2007.

Disponível em
<http://web.archive.org/web/20071206014601/http://www.cultura.gov.br/blogs/diversidade_cultural/wp-content/uploads/2007/07/diversidadenconvergencia_barbero.pdf>. Acesso em:
20/04/2017

MENEZES, José Eugenio de O. **Cultura do ouvir e ecologia da comunicação**. São Paulo: UNI, 2016.

PRAZERES, Michelle e RATIER, Rodrigo. **O fake é fast? Aproximações entre velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Dossiê “Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética”. Volume 16 nº 2 (2020/1). No prelo.

ROMANO, Vincente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1998.
_____. **Ordem natural e ordem cultural do tempo**. CISC. s/d. Disponível em:
http://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/ROMANO%20Vicente/ordem_cultural_e_ordem_natural_do_tempo.pdf Acesso em 11/12/2018

ROSA, Hartmut. **Alienation and Acceleration**. Towards a Critical Theory of LateModern Temporality. Malmö/Arhus: NSU Press, 2010.

SILVA, Maria Margarida de Andrade. **Slow Journalism Movement**. Disponível em:
http://margaridaandradesilva.weebly.com/uploads/2/8/5/9/28594141/slow_journalism_movement_-_margarida_andrade_silva.pdf Acesso em 14/06/2017

SILVEIRA, Rafael H. **Resenha do livro Aceleração e alienação: esboço de uma teoria crítica da temporalidade na modernidade tardia, Harmut Rosa**. Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Revista de Estudos Culturais. Número 2. Disponível em
<http://www.each.usp.br/revistaec/sites/default/files/pdfs/07-resenha-rafael_silveira.pdf>
Acesso em 12/09/2017

TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática contemporânea**. São Paulo: Paulus, 2007.
_____. **Jornalismo em ruínas: a condição social-histórica da produção noticiosa convencional diante da potência de prontidão e da explosão sígnica das redes locais**. In: PINHEIRO, Amalio; e SALLES, Cecília Almeida (Orgs). **Jornalismo expandido: práticas, sujeitos e relatos entrelaçados**. São Paulo: Intermeios, 2016.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulinas, 2011.